

CONTRIBUIÇÕES POSSÍVEIS DAS CULTURAS INDÍGENAS AYAHUASQUEIRAS PARA A CLÍNICA JUNGUIANA

Andrew Omar Soares (UFPR)¹
Carlos Augusto Serbena (UFPR)²
Fernando Rocha Beserra (PUC-Rio)³

O presente projeto de pesquisa para doutorado em psicologia clínica visa realizar uma revisão sistemática de literatura das obras em psicologia analítica que abordam os diferentes usos de psicodélicos, em especial a ayahuasca. Buscamos também entrevistar lideranças indígenas de tradições ayahuasqueiras sobre suas percepções acerca das práticas em psicologia, saúde mental e uso terapêutico de psicodélicos. A proposta justifica-se pela aparente lacuna ou pouca difusão de obras junguianas sobre psicodélicos e pela relevância crescente que o uso terapêutico de psicodélicos tem ganhado junto à comunidade científica brasileira no tratamento de transtornos mentais como depressão, estresse pós-traumático e dependência química. A escolha da interlocução com os povos indígenas se dá pela necessidade de aproximações epistemológicas e socioculturais mais consistentes com as raízes indígenas e milenares dos usos de psicodélicos, que frequentemente são relegados a mera posição de pioneiros no reconhecimento de seus potenciais terapêuticos. Buscamos, portanto, realizar um contraponto a leituras excessivamente biomédicas e focadas no controle de variáveis na abordagem do uso terapêutico de psicodélicos, visando resgatar a riqueza e importância dos etnosaberes acumulados pelas populações indígenas sobre esses usos e a própria prática clínica como um todo. Visamos também avaliar possíveis contribuições da psicologia clínica, em especial a psicologia analítica, para as demandas das populações indígenas.

Palavras-chave: psicodélicos, ayahuasca, conhecimento indígena

1. Doutorando em psicologia clínica pela Universidade Federal do Paraná e psicoterapeuta em clínica particular. E-mail: contato@andrewsoares.com.br
2. Professor Associado da Universidade Federal do Paraná, Doutor em psicologia clínica pela Universidade Federal de Santa Catarina. Email: caserbena@gmail.com
3. Pós-doutorando em neuropsicologia pela Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro. E-mail: fernando.beserra@hotmail.com

Neste trabalho buscarei apresentar a síntese do projeto de pesquisa que estou desenvolvendo para o doutorado em psicologia clínica junto à Universidade Federal do Paraná, estando sujeito, portanto, a modificações significativas tendo em vista sua natureza embrionária. O trabalho prevê duas etapas fundamentais: primeiro a revisão sistemática dos trabalhos que correlacionem psicologia analítica e a utilização de substâncias psicodélicas em diferentes contextos, com ênfase para a utilização da ayahuasca; segundo a realização de entrevistas com indígenas vinculados a tradições ayahuasqueiras visando entender como eles compreendem nossas práticas em psicoterapia, em especial no que se refere as pesquisas e tentativas de adaptação do uso da ayahuasca e outros psicodélicos em contexto clínico entre outras questões.

A revisão sistemática justifica-se pois os presentes estudos sobre o uso terapêutico de psicodélicos são muito promissores e aparentemente a psicologia analítica tem apropriado-se pouco desta discussão. O termo, do ponto de vista etimológico, “remonta as palavras gregas *psycho* (mente) + *delein* (fazer manifesto) ou *deloun* (revelar, mostrar), significando psiquedélico/psicodélico ‘fazer a mente manifesta’” (Beserra, 2014, p. 220). O Brasil desponta como um dos países protagonistas em publicações na área, possuindo pesquisas promissoras sobre o uso terapêutico de psicodélicos para o tratamento de transtornos mentais como depressão, estresse pós-traumático e dependência química em pacientes graves que não alcançaram progresso significativo a partir de tratamentos convencionais (Leite, 2021).

Apesar da psicologia analítica, de modo geral, apresentar um acentuado interesse em sonhos e estados não ordinários de consciência (como a meditação e a imaginação ativa), curiosamente, o estudo de alterações da consciência a partir do uso de psicodélicos são escassos (Beserra & Bezerra, 2011, p.2), no entanto não encontramos ainda pesquisas de revisão sistemática de literatura que evidenciem de forma mais explícita essa lacuna ou possam trazer a luz trabalhos pouco discutidos. O uso de psicodélicos na literatura junguiana costuma resumir-se em considerações pautadas pelo paradigma da clínica da dependência química e sua superação, evitando uma discussão mais aberta sobre os benefícios potenciais dos mesmos nas possibilidades de exploração do inconsciente (um panorama desses estudos pode ser encontrado em Beserra, 2014, pp. 223-234).

Talvez a discussão mais significativa sobre o uso de psicodélicos no interior da psicologia analítica seja a obra *Nascer não Basta* (Zoja, 1992). É importante salientarmos, entretanto, que a ênfase dada pelo autor na importância da ritualização no uso de substâncias psicoativas para a efetiva contenção da experiência pode contribuir para a estigmatização do uso de psicodélicos com finalidades lúdicas (Beserra, 2014, p. 232). Cabe ressaltar ainda que a própria forma como o autor discute os rituais e sua importância arquetípica estão orientados por um viés de confirmação que tendem a evitar a discussão e apresentação de interpretações diferentes daquela proposta por ele sobre como compreender os rituais em si e sua importância e existência ou não na cultura contemporânea (Soares, 2022, pp. 49-71).

Diferentes povos indígenas da América Latina valorizam a utilização de psicodélicos para induzir estados alterados de consciência com as mais diferentes finalidades, incluindo, principalmente, práticas de cura física, mental e espiritual. A

nomenclatura psicodélicos aqui perde parte de sua força, pois para essas culturas os usos dessas medicinas não são consideradas como apenas uma ativação da psique individual, mas a comunhão com elementos presentes na espiritualidade desses diferentes povos, inclusive os espíritos que habitam as próprias medicinas e que conduziram os efeitos decorrentes desses usos. Os psicodélicos utilizados em contexto religioso e tradicional são comumente chamados de enteógenos que significa “aquilo que gera Deus dentro de si” (Carneiro, 2021, p. 13).

Em uma transposição para a linguagem junguiana, podemos considerar que a diferença básica entre uma experiência psicodélica e enteógena é que na primeira, a psique considera as experiências sob estado alterado de consciência como manifestações de sua própria psique e inconsciente. Já a experiência enteógena apresenta, para além de manifestações da psique individual, manifestações da psique coletiva e da dimensão psicoide dos arquétipos. Em outras palavras, a experiência enteógena desafia os limites daquilo que é possível ser psiquificado e elaborado a partir de nossas referências ocidentais de uma psique limitada ao cérebro e ao indivíduo, tornando-se um possível ponto de convergência entre psicologia, religião e a elaboração de outras cosmologias.

Entretanto, todo esse rico campo de estudo em práticas ancestrais de cura física e psíquica proporcionado por povos indígenas ayahuasqueiros como os Huni Kuin e Yawanawa do Acre e os Shipibo do Peru tem tido evidência reduzida na renascença psicodélica. Em prol do modelo biomédico e quantificável, o campo tende a privilegiar substâncias químicas e produzidas em laboratório assim como ambientes controlados para isolar melhor as diferentes e complicadas variáveis que envolvem experiências de alteração de consciência. Os saberes milenares no manejo e condução de psicodélicos são pouco considerados, relegados ao papel de mero pioneirismo desses estudos. As tecnologias indígenas (ou etnosaberes), mesmo que evidentemente muito mais refinadas e experimentadas que as nossas no que se refere ao uso de alteradores de consciência tornam-se alvo de frequentes apropriações culturais, tokenização, ou invisibilidade epistemológica (Bia Labate, 2021, março 11).

Parto neste projeto do pressuposto de que a psicologia analítica seja uma abordagem privilegiada em psicologia na possibilidade de contato profícuo com os povos indígenas. Trata-se de uma abordagem que evita uma leitura segmentada da vida psíquica em variáveis, priorizando antes o dinamismo que é próprio da natureza viva do psiquismo. A partir do método hermenêutico filológico junguiano podemos criar paralelos potentes entre o nosso modo de pensar e o modo de pensar indígena, sem reduzir a complexidade desses pensamentos um pelo outro. Para isso, na segunda etapa do projeto, entrevistaremos diferentes lideranças indígenas vinculadas ao uso tradicional da ayahuasca, visando compreender que contribuições suas tradições têm para a clínica aliada ao uso de psicodélicos, para as práticas em psicoterapia de forma geral e como podemos contribuir, enquanto psicólogos, para pautas pertinentes às populações indígenas. Buscaremos dialogar principalmente com indígenas que possuem tanto uma boa inserção em suas culturas assim como um diálogo fortalecido com o universo dos brancos para possibilitar trocas mais profícuas e próximas de ambas as realidades. Também buscaremos o apoio de antropólogos que zelam por esses povos a fim de possibilitar trocas culturais de benefício mútuo e adequadas epistemologicamente.

Escolhemos a ayahuasca por tratar-se de um enteógeno legalizado para uso religioso e, conseqüentemente, um dos mais tradicionais e difundidos na cultura brasileira.

Talvez pare ainda a questão: Como não iniciados na prática da psicoterapia podem falar sobre o assunto? Primeiramente é importante lembrarmos que os pioneiros no uso clínico de psicodélicos aprenderam o formato básico de acolhimento clínico (*set and setting*) com indígenas do México (Bia Labate, 2021, março 11). Em segundo lugar, precisamos lembrar que Jung valorizou muito seus contatos com a alteridade dos povos indígenas, principalmente em sua capacidade de demonstrar as sombras culturais dos brancos (Jung, 2016, pp.248-254).

Considero, por fim, que a busca para promover visibilidade aos saberes desses povos pode contribuir para reduzir a distância que temos para com a população indígena, uma das mais massacradas de todas as populações não brancas do Brasil. Para superar essa neurose coletiva que está na constituição da alma brasileira (Gambini, 2000) precisamos reverter o silenciamento histórico e sistemático desses povos e finalmente ouvi-los falar.

Referências

- Beserra, F. R. & Bezerra, C. M. P. D. (2011) Uso contemporâneo do Badoh negro: uma visão junguiana. *NEIP*, Rio de Janeiro-RJ. Recuperado de http://neip.info/novo/wp-content/uploads/2015/04/beserra_bezerra_badoh_negro.pdf
- Beserra, F. R. (2014) Psiquedélicos e promoção de saúde: Uma visão junguiana. In. S. Amorim & F. A. Bilotta (Orgs.) *Jung & saúde: temas contemporâneos* (Cap. 13, pp. 217-246). Jundiaí-SP: Paco Editorial
- Carneiro, H. (2021). Os psicodélicos ou enteógenos e a importância cultural das alucinações. *Platô: Drogas & Política - edição psicodélicos* 5(5), pp.9-27. Recuperado de <https://pbpd.org.br/wp-content/uploads/2021/12/P5-PLATO-5-FINAL-DIGITAL-3-compressed.pdf>
- Zoja, L. (1992). *Nascer não basta: Iniciação e toxicodependência*. São Paulo-SP: Axis Mundi
- Leite, M. (2021) *Psiconautas: viagens com a ciência psicodélica brasileira*. São Paulo-SP: Fosforo
- Soares, A. O. (2022) *Ritos iniciáticos e a consciência crítica: diálogos entre psicologia analítica e a pedagogia do oprimido* (Dissertação de Mestrado) Universidade Federal do Paraná, PR.
- Gambini, R. (2000). *Espelho índio: A formação da alma brasileira*. São Paulo-SP: Axis Mundi
- Bia Labate (2021, março 11). *Honoring the indigenous roots of the psychedelic movement* | Bia Labate [Ficheiro em vídeo]. Recuperado de https://www.youtube.com/watch?v=2PzZ1bMvb_I&t=4s